

Um conjunto de montanhas e de práticas culturais como escala de pesquisa em história ambiental¹

A mountain range and a set of cultural practices as scale of research in environmental history

Alessandra Izabel de Carvalho*

Resumo

O artigo parte de uma discussão acerca da escolha das escalas nas pesquisas de história ambiental, proposta por Emily Wakild, para pensar as práticas culturais de um grupo específico que frequentou, na primeira metade do século XX, as montanhas do Marumbi – maciço localizado na porção paranaense da Serra do Mar. Apesar da ênfase na escala cultural, a intenção é demonstrar com esse estudo de caso como várias escalas podem se justapor quando buscamos analisar as interações que envolvem um lugar, as pessoas que ali convivem e a natureza circundante.

Palavras-chave: Montanhas; Marumbi; escalas; história ambiental.

Abstract

This article begins with a discussion about the determination of scales in environmental history research, as proposed by Emily Wakild; later, it examines these scales towards the cultural practices of a specific group that climbed, in the first half of the twentieth century, the mountains of Marumbi – a massif located in the Paraná Serra do Mar. Despite an emphasis on the cultural approach, the intent is to demonstrate with this case study how several scales can juxtapose when analyzing interactions involving a place, its inhabitants and the nature surrounding them.

Key-words: Mountains; Marumbi; scales; environmental history.

La historia sin espacio es como un pez sin agua.

German Palacio

* Doutora em História pela UNICAMP. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG. E-mail: alessandra@uepg.br

¹ Este artigo foi produzido como uma das atividades do projeto “As delimitações espaciais sobre a pesquisa em história ambiental”, financiado pelo CNPq – Chamada Universal 14/2012.

Introdução

As montanhas do Marumbi, que compõem um dos conjuntos que formam a Serra do Mar no Estado do Paraná, têm sido escaladas há mais de 100 anos. Alguns desses montanhistas e entusiastas frequentam-nas há muitas décadas, são pessoas que têm vivenciado intensamente aquelas montanhas, a ponto de fazerem parte da história daquele lugar assim como o Marumbi faz parte de suas histórias particulares. Outras chegaram mais recentemente. Muitas, talvez a maioria, apenas passaram pelo Marumbi, escalaram suas montanhas uma ou duas vezes e nunca mais voltaram. Em comum entre elas, ou ainda, o “ponto de amarração” que liga pessoas com trajetórias de vida e perspectivas tão díspares permanece sendo a intrincada “experiência das montanhas”, uma experiência direta que mobiliza a corporeidade física, sensorial, emocional e mental de cada uma à sua própria maneira, porém, não de forma isolada. Isso porque subir montanhas por fruição caracteriza o que conhecemos por montanhismo moderno, atividade prática que requereu profundas transformações culturais até que surgisse como esporte no contexto europeu do século XIX. De uma forma ou de outra, essa sensibilidade, o prazer de escalar montanhas, relaciona-se à historicidade da interação que encerra seres humanos e montanhas na cultura ocidental.²

No que segue, procuro articular uma reflexão sobre esse lugar que hoje é um parque estadual, é também uma vila de montanhistas, já foi uma pedreira e ainda serviu como referência para a edificação de cultura específica, ou seja, um lugar multifacetado, dotado de valores, amplamente vivenciado, experienciado e narrado. Partindo das e entrecruzando o texto com as premissas levantadas por Emily Wakild³ sobre a questão das escalas a serem adotadas em pesquisas de história ambiental, pontua-se neste caso uma escala que é espacial – um conjunto composto por nove montanhas localizado na porção paranaense da Serra do Mar – mas é também temporal, cultural e organizacional, ou seja, é ideia é exemplificar como, por vezes, as escalas se justapõem quando pretendemos analisar interações que englobam lugar, cultura e natureza.

² Ver CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Montanhas e memórias: uma identificação cultural no Marumbi*. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP, 2005.

³ WAKILD, Emily. The Challenge of Scale in Environmental History: A Small Meditation on a Large Matter. In: HALL, Marcus; KUPPER, Patrick (Eds). *Crossing Mountains. The Challengers of Doing Environmental History. RCC Perspectives*. Munich: Rachel Carson Center for Environment and Society; LMU Munich, 2014, p. 20.

Escalas de pesquisa: o Marumbi como escala

Uma pesquisa pautada no campo da história ambiental sempre apresentará ao investigador desafios que estão relacionados aos múltiplos níveis de análise que esse tipo de trabalho requer. Partindo deste axioma, Emily Wakild considera que “algumas das decisões mais cruciais que um historiador toma para estruturar um projeto envolve escalas”.⁴ Ainda que isso valha para qualquer disciplina da história, como ela sugere, e também aos outros campos de conhecimento, acrescentaríamos, a autora pontua cinco formas a partir das quais a questão acerca da decisão sobre a escala a ser utilizada na história ambiental pode ser pensada, quais sejam: temporal, espacial, cultural, organismal⁵ e organizacional.⁶

Esta última, a escala organizacional de uma pesquisa, implica no manejo das dificuldades práticas e políticas que podem ser impostas à mesma. Wakild cita como exemplo o Parque Nacional de Manú, localizado na Amazônia peruana, que representa uma das maiores biodiversidades do planeta e está inscrito no Patrimônio Mundial da UNESCO. O parque também contém uma grande diversidade cultural, pois mais de 2300 indígenas vivem dentro dos seus limites, há várias comunidades mestiças que vivem no entorno e ainda aqueles que os rondam de olho em suas riquezas naturais, tais como os madeireiros, os mineradores, os caçadores e os prospectores de petróleo. A questão que a autora levanta é: quem está autorizado para contar a história do parque, por exemplo, o nativo ancião ou o cientista? Onde ou em quem reside a representatividade? Obviamente que a questão é muito mais complexa do que isso pois os enredos dessa história, como de muitas outras unidades de conservação mundo afora, são múltiplos e quase sempre sobrepostos entre si. A autora chama a atenção para o fato que o desafio aqui também é de escala, que “vai além de tamanho para questões de influência, autoridade e, em última análise, poder”.⁷

A utilização desse tipo de escala encontraria eco no Marumbi, pois em 24 de setembro de 1990, após décadas de empenho da comunidade montanhística, ambientalista e outros setores da sociedade paranaense, o Governo

⁴ *Ibidem*, p. 20.

⁵ Ainda que eu não tenha localizado nenhuma definição nos dicionários de português para a palavra *organismal* (assim apresentada também em inglês), encontrei vários artigos científicos da área das ciências biológicas escritos em português que o utilizam. O conceito está vinculado, obviamente, à ideia de organismo.

⁶ WAKILD, op. cit., p. 20.

⁷ *Ibidem*, p. 28.

do Estado, mediante o Decreto n.º 7.300, transformou a região do Marumbi em um Parque Estadual.⁸ A implementação de uma estrutura física para o funcionamento do parque ocorreu em 1995. A criação do parque foi, sem dúvida, uma importante conquista na luta pela conservação desse trecho da Serra do Mar, pois em função da intensa utilização, feita por muito tempo de forma desordenada e sem orientação, a área havia sofrido vários impactos ambientais.

A presença física do Estado, por outro lado, alterou em um primeiro momento a relação imediata entre as pessoas que as frequentavam e as montanhas do Marumbi. Ao chegar no parque, tanto visitantes como “moradores”⁹ precisavam preencher um cadastro com informações relativas ao grupo (número de pessoas, nomes, dados pessoais, experiência no local) e às intenções de escalada (que trilha percorreriam, se portavam equipamento apropriado etc). Esse cadastro era importante tanto para a sistematização estatística dos dados referentes à visitação como para a segurança dos visitantes pois, em caso de atraso no retorno de algum grupo, as informa es deixadas eram avaliadas e, dependendo da situa o, o Corpo de Socorro em Montanha – equipe formada por montanhistas voluntários que prestavam plantão todos os finais de semana – era acionado para efetuar seu o resgate.¹⁰ Pretendia-se, de uma forma ou outra, um controle sobre a circula o das pessoas nas montanhas. Contudo, desde a sua cria o, a situa o do Parque Estadual do Marumbi tem variado muito, ou seja, de parque modelo  o parque abandonado, conforme se apresentam e se articulam os interesses políticos e as a es efetivas, ou a falta delas, dos grupos que se alternam no governo do Estado do Paraná.

⁸ Pelo Decreto n  1.531, assinado em 2 de novembro de 2007, o governo do Estado do Paraná ampliou a área do Parque Estadual Pico do Marumbi que era de 2.342 hectares para 8.745,4547 hectares preservados.

⁹ Na prática, nenhuma pessoa reside atualmente em tempo integral no Marumbi. Contudo, os proprietários de casas são usualmente chamados de moradores como uma forma de diferenciá-los dos outros visitantes do parque. Desde a década de 1920 funcionou no Marumbi uma pedreira, a Empresa Construtora Marumbi Ltda., primeiramente de propriedade de Domingos Greca e depois de Simão Moscalewski. Os primeiros montanhistas a frequentar o Marumbi conviveram com a lavra de minera o de granito e a planta o de bananeiras. Com o fim das atividades remanescentes da pedreira no final da década de 1950, o dono loteou parte da propriedade (Loteamento Parque de Férias Marumbi) e essa foi a chance que alguns montanhistas tiveram de enfim ter seu próprio “rancho” na Serra. Era o começo da vila dos montanhistas do Marumbi. Os lotes foram, ao longo do tempo, sendo revendidos ou divididos, mas a vila nunca chegou a ter mais do que 34 casas. De toda forma, só mesmo quem tinha uma profunda liga o com o lugar investiria num terreno de difícil acesso onde até hoje só se chega de trem ou caminhando.

¹⁰ Em fun o de uma reforma iniciada em 2011 e finalizada em meados de 2015, os plantões do COSMO encontram-se suspensos.

Ao discutir os parâmetros da escolha de uma escala temporal em pesquisas que têm como princípio a incorporação de atores não humanos, como no caso da história ambiental, Wakild lembra como, no seu curto tempo de vida (um mês aproximadamente), mosquitos como o *Anopheles* ou o *Aedes*, causadores de doenças como a malária e a febre amarela, podem impactar de maneira significativa a qualidade de vida de populações humanas inteiras. Em outro exemplo, a autora se pergunta o que acontece com os animais e os seres humanos que porventura vivam em uma floresta de bambu do extremo oeste da Amazônia e que, há pouco tempo, descobriu-se morrer completamente a cada ciclo de 26 anos. Ou seja, de uma forma ou de outra, as “escalas de tempo de plantas e animais são importantes em assuntos humanos”¹¹ quando pensamos de uma forma mais sistêmica e pretendemos compreender como tem sido modelada a nossa interação com as outras espécies com as quais compartilhamos a vida no planeta. A própria escala temporal geológica passa a ser um elemento chave de análise se buscamos entender, por exemplo, como os impactos que as sociedades urbano-industriais, impulsionadas pela queima dos combustíveis fósseis, deram margem ao que hoje convençamos chamar de a era do “Antropoceno”. Trabalhar com esse cruzamento de temporalidades diversas, de escalas temporais que se complementam, certamente é um desafio para o pesquisador, como diz Wakild, mas também se apresenta como uma possibilidade de ampliação da nossa compreensão e percepção históricas, sobretudo do ponto de vista socioambiental.

Na prática historiográfica, a atenção tende a recair sobre como estabelecer as escalas temporais de determinada pesquisa, mais do que nas suas escalas espaciais. Ou seja, a tarefa de qualificar uma porção de tempo como específica, distinta ou discernível em relação a outras parece corresponder de forma mais adequada ao esforço que caberia ao historiador do que o empenho em problematizar o espaço no qual a história a ser contada acontece. O que não significa dizer que o exercício de periodização lhe seja mais fácil.

A dificuldade em estabelecer as escalas, ou ainda essas balizas, sejam elas espaciais ou temporais, ocorre porque tanto regiões, territórios, lugares etc, no caso das primeiras, como períodos, eras, épocas etc,¹² no caso das segundas, são conceitos intelectuais, e embora a matéria-prima para a sua construção exista no espaço e no tempo, nenhuma delas é uma realidade

¹¹ WAKILD, op. cit., p. 21.

¹² Nomenclatura emprestada exatamente da escala do tempo geológico.

que antecede a observação e a interpretação humana. Em outras palavras, ainda que presumivelmente as porções de espaço e as porções de tempo representados numa pesquisa histórica tenham uma realidade empírica, tais representações, “exatamente por serem categorias ou ferramentas do pensamento, podem assumir diferentes definições e concepções em diferentes momentos e lugares e por diferentes intérpretes”.¹³

É o que acontece em relação às montanhas do Marumbi e os diversos olhares, interpretações, aspirações que foram se delineando ao longo do tempo acerca delas. Aqui, no entanto, vou destacar um grupo em particular, aquele que a partir do final da década de 1930 passou a frequentar assiduamente as montanhas do Marumbi e deu origem a uma comunidade cujo elo de identificação entre eles era exatamente sua ligação afetiva com o lugar.

Ora, este modo de sentir determinado lugar é o que Yi-Fu Tuan chamou de topofilia, ou seja, a percepção que os seres humanos têm de seu meio ambiente, o valor que nele colocam e a forma como expressam esta relação.¹⁴ Vale ressaltar, no entanto, como o próprio Tuan adverte, que embora o termo topofilia associe sentimento com o lugar,

O fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época.¹⁵

A primeira ascensão ao pico culminante do Marumbi¹⁶ foi realizada em 21 de agosto 1879, por Joaquim Olimpyo de Miranda, Bento Manoel de Leão, Antonio Silva e Antonio Messias, e outras escaladas seguiram acontecendo a partir de então. Contudo, ainda que no final da década de 1920 o Movimento Paranista¹⁷ postulasse no periódico de divulgação de seu ideário

¹³ CARVALHO, Alessandra Izabel de; BENATTE, Antonio Paulo. *História e regiões*. Ponta Grossa: UEPG/Nu-tead, 2012, p. 16.

¹⁴ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Lisboa: Difel, 1980.

¹⁵ *Ibidem*, p. 129.

¹⁶ Que naquele momento se acreditava ser o ponto mais alto do Estado do Paraná.

¹⁷ Movimento que, nas primeiras décadas do século XX, envolveu artistas, intelectuais e políticos entorno do projeto de construção de uma identidade regional para o Estado do Paraná. Ver: PEREIRA, Luís Fernando L. *Paranismo: o Paraná inventado*. Cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

na época o Marumbi como sendo um “símbolo, significando o alevantado das nossas aspirações de progresso”,¹⁸ a dimensão simbólica que as montanhas do Marumbi assumiram sempre foi muito mais representativa para os próprios montanhistas do que para a sociedade paranaense como um todo.

O Marumbi se tornou o espaço de vivência e construção de memórias daquele grupo específico, um grupo de montanhistas que compartilhava a sua afeição tanto pelo lugar quanto pela sociabilidade decorrente deste sentimento em comum. Em outras palavras, era um conjunto de montanhas modulando as relações socioculturais entre aqueles autointitulados “marumbinistas” e a natureza.

Em termos de história ambiental, as delimitações espaciais de um estudo requerem uma atenção maior pelo fato de que os “fenômenos ecológicos tanto precedem como transcendem as fronteiras políticas convencionais”.¹⁹ Já há bastante tempo que a premissa de que a história nacional, ou seja, a história de uma determinada forma de território – o território nacional – seria “naturalmente” a única forma de história possível tem sido cada vez mais questionada. Desde meados do século passado houve o crescente reconhecimento de que tanto o hibridismo cultural interno, que marca suas regiões e localidades em um constante jogo de poder, quanto a vasta teia de relações e intercâmbios que os países mantêm entre si são extremamente significativos para o estudo das histórias nacionais.²⁰ Sem abrir mão completamente da baliza nacional, “o discurso histórico aos poucos deixou de identificar-se com a história-pátria e passou a problematizar os regionalismos e aperceber-se da artificialidade de muitos dos recortes espaço-temporais ditados unicamente pelos critérios do Estado-nação”.²¹

Para os historiadores ambientais essa é uma questão crucial, pois muitos dos temas estudados pelo campo simplesmente não cabem dentro dos limites fronteiraços dos países estipulados nos mapas geográficos. Como exemplifica Wakild, “ao menos sete nações contém os Alpes, nove nações compartilham a floresta Amazônica, e não menos do que dez nações, incluindo a mais nova nação do mundo, o Sudão do Sul, reivindicam porções do rio Nilo”.²² Para dar conta da multiplicidade de realidades que compõem

¹⁸ MARTINS, Romário. *Ilustração Paranaense*, Ano II, n. 1, p. 5, 1928.

¹⁹ WAKILD, op. cit., p. 22.

²⁰ BAKER, Alan R. H. *Geography and History: bridging the divide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 156-204.

²¹ CARVALHO; BENATTE, op. cit., p. 34.

²² WAKILD, op. cit., p. 22.

tais “regiões ecológicas”, torna-se imprescindível considerar uma série de variantes na análise, tais como as narrativas, os discursos, as forças políticas e sociais além das próprias variações geográficas resultantes de variações naturais que instituem e sustentam determinado recorte. O espaço físico, nesse sentido, passa a ser compreendido como parte das possibilidades relacionais de realização dos eventos humanos e não humanos, ou ainda, lugares de interação das mais variadas formas de vida.

Isso nos remete à escala organismal da pesquisa, conforme proposta por Wakild, que são as escalas que estão ou vão além de nós mesmos, ou ainda, da natureza não humana com as qual compartilhamos a vida. E para a história ambiental esse é o ponto central, como ela destaca, quer seja, o entendimento e a compreensão que as outras formas de vida importam pelo simples fato que sem elas a vida humana não seria o que é. Ao mesmo tempo que já alcançamos muito das formas como temos interagido com a natureza ao longo do tempo, por outro lado, os limites do conhecimento científico sobre a dinâmica própria de tantas espécies não humanas ainda se impõem. O desafio para a história ambiental reside na perspectiva de trazer esse conhecimento produzido por diferentes disciplinas junto, em minar a conjectura que existe entre esses campos, nas palavras de Wakild,²³ ou, nas de Pádua, na construção de uma leitura mais aberta e interativa da vida.²⁴

No Marumbi a biodiversidade se impõe. O labirinto vegetal da floresta, o murmúrio dos rios, a cavaqueira dos animais revestem aqueles “vestígios sólidos de memória”.²⁵ Ao se tornarem o ponto de encontro, o lugar de composição dos referenciais e das estruturas de significação das gerações de montanhistas compreendidas entre o final da década de 1930 até o final da década de 1950, as montanhas do Marumbi mediarão a interação daquele grupo com a natureza.

Como a problemática do lugar se impõe, vale pontuar a questão a partir da perspectiva do antropólogo Arturo Escobar:

o fato é que o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa – continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas. Existe um sentimento de pertencimento que é mais importante do que queremos admitir, o que faz

²³ WAKILD, op. cit., p. 26.

²⁴ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68 (2010).

²⁵ Expressão emprestada de Raymond Williams, em *O povo das montanhas negras: o começo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

com que se considere se a ideia de “regressar ao lugar” [...] ou a defesa do lugar como projeto [...] não são, afinal de contas, questões tão irrelevantes.²⁶

No caso dos marumbinistas, a relação com o lugar era primordial. Embora o Marumbi venha sendo significado e representado²⁷ ao longo do tempo, foi apenas com a geração de montanhistas que lá chegou no final da década de 1930 que o Marumbi passou a ser territorializado,²⁸ ou seja, apropriado concreta e simbolicamente e, ao mesmo tempo, disputado.

No Marumbi da primeira metade do século XX, conforme as conquistas na montanha se materializavam na abertura de novas trilhas e vias de escalada e o fluxo de pessoas aumentava, o movimento adotado pelo grupo foi o da institucionalização, via organização de um clube. Fundado em 1943, o Círculo dos Marumbinistas de Curitiba, ou CMC, assumia a intenção de ser um centro de formação dos montanhistas. Além das técnicas de caminhada, de fotografia, informações sobre vestimenta e equipamento adequados, o CMC difundia uma série de valores morais que deveria ser seguida pelos montanhistas. A conduta do marumbinista deveria ser ética em relação tanto à natureza quanto aos colegas que frequentavam e trabalhavam pelas mesmas montanhas. As publicações mensais do Boletim do CMC serviam de veículo para esses preceitos, assim como eram fortemente marcados pelo contexto político da época.²⁹

De forma a exercer um controle sobre as ações dos marumbinistas, o CMC estipulou determinadas regras de comportamento na montanha que deveriam ser seguidas por todos aqueles que quisessem portar o distintivo do clube. A disciplina imposta e a hierarquia interna compunham as bases do CMC. O clube de fato sistematizava as atividades do grupo de maneira a garantir sua própria manutenção e reprodução. Os interessados deveriam adquirir um título do CMC, pagar as mensalidades, frequentar as reuniões,

²⁶ ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber. eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 138.

²⁷ O próprio nome do maciço indica uma relação das populações autóctones com o lugar.

²⁸ A noção de território e derivantes utilizadas neste trabalho seguem a linha de raciocínio de Carlos Walter Porto Gonçalves: “O território é uma categoria espessa que pressupõe um espaço geográfico que é apropriado e esse processo de apropriação – territorialização – enseja identidades – territorialidades – que estão inscritas em processos sendo, portanto, dinâmicas e mutáveis, materializando em cada momento uma determinada ordem, uma determinada configuração territorial, uma topologia social (Bourdieu, 1989)”. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. CECEÑA, Ana Esther, SADER, Emir. *La Guerra Infinita: Hegemonia y terror mundial*. CLACSO, 2002, p. 230.

²⁹ Ver CARVALHO, Alessandra I. Práticas de natureza: movimento e contemplação nas montanhas do Marumbi. *Antíteses*, vol. 4, n. 13 (2014).

participar das excursões promovidas pelo grupo e etc. A parte administrativa foi bastante eficiente, tanto que logo no início as atividades do clube conseguiram abatimento de 50% no valor do preço das passagens para os sócios;³⁰ adquiriram posteriormente uma das antigas construções da pedreira que funcionava no Marumbi, casa que se tornou a sede de montanha do grupo e, em 1958, conseguiram comprar uma sede em Curitiba para o CMC. Em seu auge o CMC chegou a ter mais de 400 associados, o que é significativo para uma agremiação de montanha, sobretudo na época.

Na prática, porém, os dias vividos nas montanhas do Marumbi paupavam-se nos momentos e prazeres mundanos. Subir a montanha de madrugada só para ver o nascer do sol do cume, uma roda de canções numa noite de lua cheia com os amigos, abrir uma nova via de escalada, fazer uma caminhada em menor tempo, por exemplo, era o que de fato constituía o território de símbolos que engendravam as relações entre aqueles sujeitos e aquela natureza.

A apropriação daquele pedaço da Serra pelos marumbinistas se deu pela marcação do terreno com caminhos, com a sinalização e manutenção das trilhas, a instalação de livros de registro nos cumes das montanhas, pelo sentimento de posse que nutriam como sendo aquelas as suas montanhas, a familiaridade que criaram com a floresta e as atividades ali desenvolvidas, ou seja, foi esse conjunto de ingredientes que qualificou o Marumbi como o lugar dos marumbinistas, um lugar de produção de sentidos, um lugar de identificação cultural.

Certamente que, conforme pensamos as escalas de uma pesquisa histórica ambiental em termos culturais, conforme sugerido por Wakild, o trabalho se torna mais complexo. Segunda a autora, delimitar as escalas culturais de uma pesquisa passa pelo estabelecimento de números, ou seja, de percentuais, de taxas, de proporções enfim. Mas ela mesma questiona: “como medir cultura?” Os dados quantitativos relacionados a qualquer tema de investigação são obviamente importantes e podem ser reveladores, sobretudo em termos de análise comparativa, mas são apenas parte da história. Se eles nos ajudam a compreender determinados padrões, algo bastante relevante na história ambiental, vale refletir junto com Capra que relações, ou, neste caso cultura, a gente não mede e nem pesa, a gente mapeia.³¹ Cartografemos, então, algumas das práticas marumbinistas.

³⁰ ALVES, Nelson L. Penteado. *As montanhas do Marumbi*. Curitiba: Edição do autor, 2008, p. 155.

³¹ CAPRA, Fritjof. *Ecology and Community*. Center for Ecoliteracy, 25/10/2009. Disponível em <http://www.ecoliteracy.org/article/ecology-and-community>.

O Marumbi dos marumbinistas

Com o intuito de estabelecer um sentido e uma valorização do entorno, surge, ao lado do sentimento estético do sentir em comum, uma experiência ética que informalmente regula um conjunto de modos culturais que caracterizam determinado grupo.³² Os rituais cumprem uma função fundamental de criar mecanismos simbólicos que permitam, mediante sua repetição, que a comunidade em questão reafirme o sentimento que tem em relação a si mesma. No Marumbi, uma série de práticas carregadas de simbolismos fornecia os elementos necessários para a coesão e estruturação do grupo e que funcionava, ao mesmo tempo, como delimitação da sua territorialidade.

Os novatos, via de regra, eram os que mais sofriam nas mãos do grupo já bem coeso dos marumbinistas. Apesar de todo o discurso do CMC em torno da necessidade do bom comportamento dos marumbinistas na montanha, aqueles assíduos frequentadores se sentiam em casa, o Marumbi era o seu território e sentiam-se livres para “testar” aqueles que ousavam adentrar nele. Se o recém-chegado conseguisse suportar o desgaste físico que o ambiente lhe impunha e a pressão psicológica dos veteranos, manifestada normalmente na forma de “brincadeiras”, ele poderia eventualmente ser aceito no grupo.

Um exemplo dessas “pequenas provas” foi vivido por Arlindo Renato Toso na sua primeira incursão ao Marumbi em 1951. Ele e o grupo de amigos chegaram ao Marumbi depois de terem ouvido falar do lugar. Até então nenhum deles era montanhista. Após uma tarde explorando os arredores da base da montanha, abrigaram-se em uma velha casa de madeira perto da estação onde, apesar de parcialmente destruída, havia um sótão razoavelmente habitável para o pernoite. Apagaram o lampião, preparavam-se para dormir quando começaram a ouvir passos e barulhos na parte de baixo da casa. Sentidos em alerta, corações disparados, o que poderia ser? Uma pessoa? Um animal selvagem? Qualquer coisa, afinal estavam na montanha, um lugar inóspito para aqueles jovens rapazes. Dois dos companheiros empunharam suas facas e ficaram todos esperando o que aconteceria.

Logo em seguida ouvimos alguém subindo a escada de madeira debaixo do alçapão de acesso ao sótão onde nos encontrávamos. Uma luz de lanterna passava pelas frestas do alçapão. Logo em seguida a tampa do dito alçapão começou a se levantar. Uma horripilante cabeça de GORILA, iluminada pela

³² Ver MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

lanterna apareceu de súbito!! Que susto!! Que confusão!! Quem era? Ou o que era na realidade aquilo? Ouviu-se um hurrro!! E em seguida uma gargalhada. Resultado, alguém queria nos assustar e quase levou uma facada por isso. Só que quando viu os nossos dois companheiros armados de faca, largou a tampa do alçapão e saiu em desabalada carreira.³³

O responsável pela zombaria noturna havia sido o Henrique Paulo Schmidlin, mais conhecido como Vitamina, e aquele havia sido o trote de mais um grupo de novatos na Serra. Era um dos rituais de “batismo” dos neófitos.

Uma das primeiras formas, no entanto, que se identificar um “marumbinista de fato” era se ele ou ela tinha um apelido.

Por falar em apelido, já notei nas poucas excursões que fiz até hoje que é praticamente impossível ser “marumbinista” e não ter um apelido. Tudo o que aparecer pela frente, estes velhos montanhistas como o Stamm, Sabão, Gavião e outros botam apelido. Lugares, recantos, picadas, pedras, correntes, aguadas, pousos e principalmente pessoas, tudo é oficialmente apelidado. Fazem isto com grandes pompas, festa e batizado em plena serra, regado de preferência com cachaça, que resulta na grande maioria das vezes em porre de batizado. Até agora, eu, o Ervino e o Ernesto não fomos apanhados para tal cerimônia, mas sinto que não vamos escapar.³⁴

E de fato, não tardou muito para que Herbert Becker fosse coroado com seu *status* de marumbinista. Foi numa escalada que aconteceu no inverno seguinte.

No Facãozinho fizemos nosso acampamento embaixo de árvores, pois o tempo se apresentava firme, sem risco de chuva. O Pulga preparou umas “caipirinhas” que foram muito bem aceitas e de caipirinha em caipirinha uns e outros ficaram “grogues” e eu fui um deles. Daí é que aconteceu algo inesperado, que ficou marcado para sempre, penso eu. Já em avançado estado etílico, eu encontrei um jornal de Curitiba, jornal velho, e comecei a ler o dito cujo. Dado momento deparei com uma publicidade do por todos conhecido: “Dr. Mendes de Araújo, especialista em hemorróidas”. Virava o jornal para um lado, aparecia a mesma publicidade, virava para outro lado, aparecia novamente a dita propaganda e isto em quase todas as páginas e eu resmungando, dentro do meu estado etílico: “que diabo de tanto Dr. Mendes de Araújo tem neste jornal”. Até aí nada de mais. Acontece que em seguida agarrei o mató para fazer uma determinada necessidade e levei o jornal junto para usar em “fins traiçoeiros” como se dizia e após a feitura do ato, joguei o jornal na barroca e gritei “lá vai o Dr. Mendes”. Voltei junto à turma e até aí, tudo bem.

³³ Caderno de memórias de Arlindo Renato Toso, intitulado “Fases de uma vida”. Acervo particular.

³⁴ DIÁRIO de Excursões do Marumbinista Herbert Becker. 4.ª escalada ao Olimpo, 01/06/1946. Acervo particular.

(...) No dia seguinte limpamos a picada até o Boa Vista, o que foi bom para sarar da “cabeça inchada” de todos. Durante os trabalhos de vez em quando um dizia “oi Dr. Mendes, como vão as coisas aí”. Outro falava algo para mim e mencionava o Dr. Mendes. Já estava vendo que a coisa pegou e o tal apelido que me faltava, veio. Não deu outra, fui batizado e não teve choro, assim ficou: DR. MENDES.

(...) Durante o trajeto [de volta] fui muito visado em termos de gozação quanto ao meu novo apelido e foi um erro da minha parte reagir a cada gozação, pois isto os incentivou para chatear-me cada vez mais. Mas valeu, com o decorrer do tempo o apelido colou e tornei-me conhecido entre os marumbinistas.³⁵

Receber um apelido era uma espécie de rito de passagem para os montanhistas, significava que a pessoa, fosse homem ou mulher, havia sido aceita e passava a integrar o grupo. Os apelidos eram muitos e variados: Gavião, Sabão, Bispo, Vagalume, Lanterna, Querosene, Cipó, Quinhentão, Bolinha, Canavala, Cuíca, Palanque, Titio, Balaio, Vagonete, Requeijão, Professor, Rasputin, Piolho, Vitamina, Manivela, Tarzan, Sacristão, entre tantos outros. Muitos foram obtidos em situações tão bizarras quanto o do Dr. Mendes.

Os apelidos eram uma forma de identificação dos marumbinistas,³⁶ pois na Serra pouco importava a profissão, o grau de instrução ou a classe social à qual pertenciam os montanhistas, lá eram todos marumbinistas; nos cumes das montanhas todos estavam expostos à mesma chuva, ao mesmo frio, às mesmas belezas, todos dividiam a comida que tinham e assim por diante. A hierarquia era estabelecida internamente ao grupo e dava-se em função ou do grau de intimidade que a pessoa estabelecia com a montanha – quanto mais íntimo, mais à vontade se sentiria no ambiente e mais ousadas seriam as aventuras – ou do espírito de liderança demonstrado pelo membro.

O mais emblemático e principal líder entre os marumbinistas foi certamente Rudolf Stamm.³⁷ Descendente de alemães, eletricista, um dos fundadores do CMC, Stamm registrou metodicamente todas as quase 500 excursões que realizou pela Serra do Mar, Campos Gerais e litoral paranaense. Era um dos mais velhos entre a turma de amigos que frequentava o Marumbi. Seus aniversários eram, sempre que possível, comemorados em algum cume. O dia 13 de outubro de 1950, porém, foi peculiar.

Quase 13 anos transcorreram daquele 13 de Janeiro de 1938, quando em minha 21.^a excursão, fui pela primeira vez ao Olimpo no Marumbi. Agora em minha

³⁵ Idem. Facãozinho. Excursão realizada no dia 30/08/1947.

³⁶ Os marumbinistas que estão vivos são (re)conhecidos até hoje pelos seus apelidos.

³⁷ Stamm também tinha seus apelidos, primeiro foi “Mosquito”, depois “Marumbi”, mas paradoxalmente em quase todos os registros da época ele é referenciado pelo próprio nome e não pelo apelido.

468.^a excursão voltava pela centésima vez e fazendo esta como presente de aniversário, pois estava completando quarenta nos de existência. Quantos dias eu passei na serra em excursões para todos os lados? Só fazendo um cálculo nestes registros de relatório. Quantos companheiros estavam ao meu lado no decorrer dos anos? Também só verificando.³⁸

Stamm estava orgulhoso, pois pela primeira vez viajava para o Marumbi num vagão de primeira classe – uma viagem especial em um dia especial. Estranhou, por outro lado, que nenhum dos colegas que haviam combinado a escalada com ele tivesse aparecido. Imaginou, jocosamente, se eles eram tão supersticiosos a ponto de não querer escalar numa sexta-feira, dia 13. O tempo não estava dos melhores, havia chovido muito nos últimos dias, até aquela manhã. Mas ele tinha que subir, seus companheiros do CMC chegariam no dia seguinte e ele não poderia dizer-lhes que não havia subido por causa do mau tempo. Não “pegaria” bem. Stamm então partiu naquela que seria não só mais uma escalada da montanha, mas uma escalada de suas memórias:

Com uma mão segurando o marco do ponto culminante do Conjunto Marumbi, levantei a outra em saudação ao lugar, um “VIVA” perdeu-se no espaço. Não obtive resposta. O silêncio da montanha envolvia tudo. Só o vento cantava a melodia da serra nos arames da Cruz do Olimpo.

Abri a caixa e retirei as latas do livro de registro de escaladas. Para não molhar o conteúdo, fui ao pouso da Pedra Morta. Ali protegido fiz a histórica anotação desta escalada.

[...] Quantas noites passei aqui em noites com céu estrelado, com bons companheiros, tomando o chimarrão em conserva sobre nossas montanhas? Noites de luar sobre um mar de nuvens e aquelas quando procurávamos um cantinho para nos abrigar do temporal que açoitava a cerração ou chuva. Foi talvez bom eu estar hoje sozinho, recordando um cento de escaladas ao glorioso Olimpo e lembrei-me do pensamento marumbinista: “Excursionamos para conhecer e recordamos para viver”. Sim, da recordação tira-se a coragem para novos avanços no caminho íngreme das escaladas. Qual é o momento mais agradável da excursão? São as horas alegres sentados no alto de uma montanha, ou são aquelas passadas abaixo de chuva em caminhos mal abertos? Às vezes contentes, às vezes quase desanimados, mas estas horas passaram e o que ficou é a recordação. Dias, meses ou anos mais tarde, em conversa com companheiros, ou revendo fotografias ou também relendo relatórios das excursões passadas, o que fica é a boa recordação.³⁹

Como figura proeminente que era entre os montanhistas, algumas polêmicas também giravam em torno de Stamm. Um outro grande

³⁸ RELATÓRIOS do Guia Rudolf Stamm. 468.^a Excursão. 13-15/10/1950.

³⁹ Idem.

marumbinista, Henrique Paulo Schimidlin, o Vitamina, reconhece ter tido “divergências homéricas”, como ele mesmo diz, com o Stamm por discordar da forma como ele agia, considerando-se o dono do Marumbi. Vitamina, que sempre se considerou um rebelde, diz nunca ter aceitado as imposições do Stamm sobre como e o que as pessoas deveriam fazer nas montanhas. Apesar de ser também de descendência alemã, Vitamina critica a postura excessivamente germânica, segundo ele, até mesmo autoritária, que o Stamm assumia perante os demais do grupo.

As tensões, os conflitos internos e as relações de poder se evidenciaram quando, em 1949, Stamm foi proibido pela diretoria do CMC de publicar a coluna que escrevia para o Boletim com o título de “Noites no Bom Jardim”. Bom Jardim era um lugar de pouso dos marumbinistas perto do cume do Olimpo, onde as histórias e os causos corriam soltos noites adentro. O motivo da proibição, aprovada por unanimidade em reunião realizada no dia 1.º de julho daquele ano, segundo consta nas atas do CMC, teria sido os erros de português que seus textos continham. As verdadeiras razões devem, provavelmente, ter sido outras. A decisão foi depois revogada pela diretoria do clube em 26 de março de 1952, rediscutida e novamente revogada em 29 de abril de 1955. Stamm, no entanto, já havia deixado de escrever os seus artigos, os quais eram cheios de vivacidade, sabedoria e muito humor.

O que mais chama a atenção nos textos escritos pelo Stamm, assim como nos de outros marumbinistas, é o fato de coadunarem perfeitamente com uma formação discursiva que exalta as respostas emocionais e mentais elaboradas a partir das experiências vividas nas montanhas. Poderia argumentar-se a existência de um certo exagero nesses textos, pois as montanhas do Marumbi sequer figuram entre as mais altas do país, sendo que mesmo estas não são expressivas comparadas às altitudes das grandes cordilheiras existentes no mundo. Alguém já disse, no entanto, que qualquer pessoa pode subir uma colina e descer uma montanha, pois o significado deste ato está mais na experiência da escalada em si do que na altura do ambiente em questão.⁴⁰

Muito da forma como os marumbinistas vislumbraram a sua relação com aquelas montanhas e com as outras pessoas que ali estavam ficou gravado

⁴⁰ Devemos reconhecer, contudo, o fato que a altitude é realmente uma das principais fontes de atração para os montanhistas. Neste sentido, o Everest é um ícone, tanto pelo reconhecimento que tecnologias da mídia proporcionam – criando uma memória visual mediante a disseminação de imagens da montanha e uma memória literária construída por livros e reportagens que relatam histórias vividas naquela montanha – como pela sua relação com o sagrado para determinadas culturas.

nos livros de cume. Assim como Stamm tinha o cuidado de registrar cada uma de suas excursões em seus diários, ele se preocupou também em criar um meio para que todas as escaladas feitas nas montanhas do Marumbi pudessem ficar inscritas para a posteridade. Fixou então nos cumes, caixas de madeiras que continham um caderno de anotações, acondicionado dentro de uma caixinha de metal, e um lápis para que o visitante puder deixar o seu nome, a trilha utilizada para subir, qual utilizaria para descer e o tempo gasto na subida – além de, se quisesse, e pudesse, uma pequena contribuição para a compra de novos cadernos.

Os livros de registro tornaram-se uma forma de “cartão-ponto” que comprovava que o montanhista havia realmente estado na montanha em determinado dia. A maioria deles assinalava quantas vezes já havia feito aquela escalada, e isto atribuía uma espécie de *status* ao escalador, ou seja, dizia se ele era ainda um novato ou se já poderia ser visto como um veterano.

O interessante dos livros de cume, no entanto, é que eles possibilitavam que o montanhista registrasse as suas impressões durante a realização da escalada – lembrando que alcançar o topo de uma montanha é apenas metade do caminho. Muitos se deslumbravam com a paisagem que se descortinava a sua frente, e de fato se emocionavam em estar naquele lugar. É o que se percebe com as linhas deixadas pelo veterano Waldemar Bucken (Gavião), na sua 38.^a escalada ao Olimpo, quando esteve acompanhado da sua esposa Marize (Andorinha):

Uma das tantas coisas que sempre me atraem de volta às montanhas é o indescritível sossego das alturas. E hoje, novamente, viemos usufruir as suas virtudes, num pleno descanso espiritual. Está tudo limpo ao nosso redor, a atmosfera completamente parada, nenhum vento, nenhum ruído, tudo calmo. Essa quietude imensa, acompanhada dos inúmeros panoramas que se estendem para todos os lados num espetáculo de magnificência inenarrável, é a minha resposta aos que ainda não sabem porque escalamos montanhas.⁴¹

Ou mesmo no relato de uma novata como Ada Kozoski que no mesmo dia registrou: “pela primeira vez contemplei esta maravilha do Paraná e, apesar de cansada e as forças pedindo folga, estou encantada com tudo que estou vendo”.⁴²

⁴¹ Gavião e Andorinha. Livro de registro – Olimpo – 02/09/1951. Este e todos os livros de registro aqui citados pertencem ao Acervo do Círculo dos Marumbinistas de Curitiba.

⁴² Ada Kozoski. Idem.

Mas as trilhas no Marumbi não são fáceis. Subir até um de seus cumes é mais do que fazer uma caminhada, trata-se, na realidade, de uma “escalaminhada”, pois o montanhista tem que, quase o tempo todo, usar os seus braços e mãos para se puxar nas raízes aéreas das árvores a fim de conseguir avançar. Há um desgaste físico muito grande, sobretudo para quem não está acostumado, e isto certamente aparece nos livros de registro:

Considerando a restrição a que está sujeita a leitura da presente, e mais, que quem aqui chega bem merece a compensação de saber que já houve um “pixote” por estas plagas, não terei dúvidas – não obstante a revelia de meus veteranos companheiros de escalada – em contar “direitinho” toda a verdade: Em resumo: “ESTOU QUEBRADO!”. Não fosse o medo, eu me atiraria daqui de cima, de maneira a escrever nas observações, em descida via: “Direta, sem escaladas”. Mas, estou feliz e vou me arrebentar por aí abaixo.⁴³

Pelo menos ele ainda estava feliz. Outros não tinham tanta sorte:

Sáímos às 11 horas da estação, depois de estarmos perdidos por uma hora. Não sei se é só comigo, mas puxa, como sou azarado. Cortei toda a mão, machuquei o joelho, me caiu uma pedra na clavícula e quase cai num precipício. Nada mais! Tempo completamente coberto. Esperamos que a próxima vez seja melhor.⁴⁴

Enquanto esse visitante, ainda que diante de tantos infortúnios, ao menos pensava em voltar, para outros, esta era uma idéia completamente fora de questão: “Pela primeira vez fazemos uma escalada na nossa vida. Não gostamos, pois é muito cansativo e tenho certeza que nenhum dos três que aqui assinam voltarão a escalar”.⁴⁵ (João Carlos Licheski, Francisco e Nelson Maria do Valle, Livro de registro – Parque do Lineu – 01/11/1954).

Mas os temas que aparecem registrados nos livros de cume falam também da vida que se levava lá embaixo; são declarações de amor, mensagens para pessoas que estavam distantes – e que provavelmente nunca as leriam –, além de notas sobre a política mundial: “Comemorando a vitória das Nações Unidas! Entrada triunfal em Berlim. Aqui estivemos em 29/04/1945, captando energias para poder cooperar numa paz de trabalho, de felicidade e livre de misérias”.⁴⁶ (Ubirajara Moreira e Kurt Reiner, Livro de registro – Abrolhos).

⁴³ Waldemar Zaidler. Livro de registro – Abrolhos – 07/08/1949.

⁴⁴ Mogango. Livro de registro – Olimpo – 15/01/1950.

⁴⁵ João Carlos Licheski, Francisco e Nelson Maria do Valle, Livro de registro – Parque do Lineu – 01/11/1954.

⁴⁶ Ubirajara Moreira e Kurt Reiner, Livro de registro – Abrolhos – 29/04/1945.

O registro mais inusitado de todos, no entanto, talvez tenha sido este:

Pela primeira vez na história da marumbinismo, viemos até aqui para comemorar o noivado do jovem par, amigos e colegas: Nelsa (Pantera) e Lothário (Tigrinho). Foi uma agradável festinha entre abraçadinhos de camarão, torta com nata, regadinho com champagne. Além do chocolate, coral de festa, um profundo beijo de amor.

Serviram de padrinhos os respectivos marumbinistas: Gerda Metzenthin (Distinta) e Bernardo M. Seifert (Sabão). Juizes: Ariadna Sozanoff (Tocha) e Arnaldo Moeller (Caninana). Testemunhas: Ziloah Pan (Jeepinho), Osmar Stoltz, Hamilton Rocha (Índio) e Ralf Werner.

Sinceros parabéns.⁴⁷ (Livro de registro – Ponta do Tigre – 24/08/1952)⁴⁸



Casal em seu noivado no cume da Ponta do Tigre
Acervo: Lothário Stoltz

Os livros de registro eram também utilizados para demarcar territórios. O Marumbi era, de certa forma, uma área sob o domínio do CMC, mas outros grupos, ou centros excursionistas também passavam por ali. Eventualmente, alguns sócios do próprio CMC se rebelavam contra seu clube e assinavam os livros como “Círculo dos Marumbinistas Independentes – CMI”, como no caso de Orisel Curial e José Cesar M. da Silva no livro de registro do Olimpo em 09 de julho de 1951.

⁴⁷ Livro de registro – Ponta do Tigre – 24/08/1952.

⁴⁸ Os noivos Maria Nelsa e Lothário casaram-se no dia 22/05/1954, tiveram três filhos e compartilharam suas vidas e a sua paixão pelo Marumbi juntos por 41 anos, até o falecimento de Dona Maria Nelsa, em 1995. O Sr. Lothário Horst Stoltz seguiu frequentando o Marumbi até o fim da sua vida, em 2011.



Turma no cume da Ponta do Tigre na ocasião do noivado de Maria Nelsa e Lothário
Acervo: Lothário Stoltz

Enquanto muitos visitantes deixavam mensagens de agradecimento aos membros do CMC pelo trabalho de abertura e manutenção das trilhas, outros utilizaram para fazer anotações que soavam como provocações ao grupo que ali frequentava.

Me desculpem. Não é com espírito crítico nem qualquer pretensão com que estas linhas sinceras de um velho e experiente alpinista. Quem já teve a oportunidade, como nos já tivemos, de escalar os Alpes, o monte culminante da Europa: Monte Branco, sente o obrigação de dizer que esta é uma “barbada”, e das grandes. O que não posso compreender que esses “famosos” Marumbinistas, vangloriando-se e gabando-se por terem escalado um montezinho destes. Se eles julgam que armados de fotinhas, mochilas carregadas de apetrechos supérfluos, tais como lanternas, cordas e outros objetos da mesma família, cuja única finalidade é mostrar-se às “pequenas” nas plataformas das gares ferroviárias. Mas para nós esta escalada serviu como “sobremesa”.⁴⁹

A página de registro desta citação foi toda rabiscada e escrito por cima “BOÇAL 1000 vezes”, e na página ao lado: “Escuta velho, eu fiz em 1,40 horas e outros escalaram em tempo melhor. Para que 2,30 horas? Com a história do lado quem quer fazer cartaz é você”.⁵⁰

⁴⁹ Francisco, Álvaro e Gerhard – Livro de registro – Olimpo – 06/01/1954.

⁵⁰ Alberto Biesemeyer “Machadinho”, – Livro de registro – Olimpo – s.d.

Escalar em menos tempo era uma preocupação para alguns montanhistas que, de fato, competiam pelos “melhores tempos”. “Vindo do Olimpo e descendo pela Ponta do Tigre, escalei o Abrolhos em 15 minutos desde a passagem Noroeste. Vim com o propósito de bater o recorde do Sabão que é de 31 minutos de descida até a estação”.⁵¹ Um mês depois, no dia 22 de outubro de 1944, em relação a esta mensagem, o escalador acrescenta “desci em 28 minutos”. Mas esse tipo de competição não era bem visto por outros montanhistas que consideravam que o verdadeiro marumbinista não precisava se valer desses artifícios para ser respeitado:

Ainda hoje nos lembramos daqueles que tinham por costume escalar o Olimpo para quebrar o “recorde” do outro e também existem muitos que escalam o Marumbi somente para aumentarem o número de “vezes”. Assim, vemos constantemente realizarem tais escaladas e quando lhes perguntamos algo sobre as vistas, estes nada nos podem esclarecer porque nada viram. Estiveram lá em cima apenas para “assinar o livro”.⁵²

Na verdade, como já falado, quanto mais intimidade o escalador adquire com o ambiente que ele frequenta, maior é a tendência para que ele se torne cada vez mais ousado, buscando levar o seu “termostato de risco” ao limite. A “correria” pelas montanhas requer uma grande familiaridade com o lugar, o montanhista deve conhecer cada curva das trilhas, cada pedra solta, as raízes e árvores localizadas em pontos estratégicos que servem de apoio, pois ao menor vacilo, é queda na certa.

Até o desvio fomos num tranco costumeiro e dali para baixo foi minha mais louca corrida até então. Aquilo não foi mais corrida, pois voávamos pela picada, ainda mais nos trechos até a entrada da Torneirinha. Pelo Desfiladeiro desta muitas vezes pensei que iria sobrar nos obstáculos e caminho acidentado. Coitada da mochila do Hoffmann, levou alguma pancada. Com uma rapidez incrível passamos os diversos pontos de referência na picada e num dado momento já perto da rampa das Amoras descarrilei mais uma vez, não sei após quantas, fui direto com a cabeça numa árvore e rolei pelo chão. O Coruja ficou assustado e olhou-me com uma cara apreensiva, quando de pulo levantei e gritei: “Vamos seu fracassado”. Mais uma corrida e após 15 minutos de corrida desde o parque até a estação tinha terminado a aventura da descida. O Sabão já lá estava e com o relógio na mão nos chamou de “moles”, “caranguejos” etc, ele tinha feito o percurso em 14 minutos e nós em 15 (quinze). Minha cabeça ainda fazia um zum-zum, e por isto não fiz muita questão. O Coruja contou a ele do meu tombo e dali ele não disse mais nada.

⁵¹ Arno Heilmese “Cisne Negro” – Livro de registro – Abrolhos – 24/09/1944.

⁵² CORREIA, Wilson. Somos marumbinistas? In: *BOLETIM do Círculo dos Marumbinistas de Curitiba*, Ano III, v.3, n.5, p.31, maio 1947.

O Gavião bateu o recorde neste dia em escalada subindo em 39 minutos, mas não contando o “minutinho” do Sabão, acho que nós fomos os que desceram mais rápido desde o Parque do Linneu até a Estação.⁵³

Em muitas situações nas montanhas, sobretudo em altas altitudes, ser rápido pode implicar uma questão de segurança. No Marumbi, isto era mais espécie de jogo que envolvia um sentimento de competição, vigor, capacidade física e autoridade sobre os demais. A rapidez e a velocidade são habilidades que o montanhista conquista na prática sistemática do seu esporte, para isto é necessário tempo. Paradoxalmente, é o próprio tempo – e as dores de joelhos adquiridas, companheiras de tantos montanhistas – que se encarregam de gradativamente diminuir o ritmo dos mais apressadinhos e de seus “vôos” pelas trilhas. E o tempo é realmente o senhor da sabedoria, pois como dizia Erwin Gröger, o Professor, “o que mais vale, na verdade, é o sentimento de gratidão, de auto-estima e de humildade que vem com qualquer conquista, seja a mais ínfima, a mais modesta. Se hoje fiz uma escalada, fico feliz, eu a fiz. Amanhã talvez não possa fazer mais”.

Finalizando

A partir da década de 1960, ao passo que o CMC se burocratizava e as poucas excursões que organizava se destinavam cada vez mais a outros lugares que não as montanhas do Marumbi, o clube deixou a ser referência tanto para parte dos associados como para os jovens montanhistas. Novos grupos se organizaram, outros clubes de montanha foram fundados e uma nova geração de escaladores se formou e se apropriou daquele território. A partir da década de 1960, ao passo que o CMC se burocratizava e as poucas excursões que organizava se destinavam a outros lugares que não as montanhas do Marumbi, o clube deixou a ser referência tanto para parte dos associados como para os jovens montanhistas. Novos grupos se organizaram, outros clubes de montanha foram fundados e uma nova geração de escaladores se formou e se apropriou daquele território.⁵⁴

O Marumbi não é formado apenas um conjunto de montanhas, mas também por um conjunto de práticas sociais, culturais, políticas e esportivas

⁵³ RELATÓRIOS do Guia Rudolf Stamm. 256.^a Excursão. 21-22/09/1946.

⁵⁴ De uma forma ou de outra, o Marumbi tem estado sob clivagens internas aos próprios grupos que frequentam o lugar. Evidenciam-se nos diferentes momentos da sua história ambiguidades que, sobretudo, denunciam a multiplicidade de interesses particulares dos indivíduos que formam esses grupos e que disputam um espécie de poder sobre os demais. Porém, a clivagem maior se constitui em relação ao Estado e as relações institucionais dele recorrentes.

que mescla pessoas, floresta e montanhas e faz com que aquele lugar seja “um mundo de significado organizado”,⁵⁵ ao menos para as pessoas que o frequentam, ou o fizeram no passado e mantêm aquele espaço-tempo em suas memórias. Numa escala maior, integra um conjunto de práticas similares vivenciadas por outros grupos em outras montanhas ao longo do tempo que dá margem para pensarmos numa memória cultural da montanhas.

Importante a ser destacado é que os estudos locais ou regionais de história ambiental, além de focalizar “processos sociais (e naturais) geograficamente circunscritos, embora tipicamente os limites dessas áreas sejam naturais, e não sociais ou políticos”,⁵⁶ têm a capacidade de versar sobre como determinada ambiência comunitária investe de sentido suas práticas e seus discursos. Isso é significativo porque

Os eruditos e ativistas de estudos ambientalistas não só estão sendo confrontados pelos movimentos sociais que mantêm uma forte referência ao lugar – verdadeiros movimentos de apego ecológico e cultural a lugares e territórios – mas também confrontam a crescente compreensão de que qualquer saída alternativa deve levar em consideração os modelos de natureza baseados no lugar, assim como as práticas e racionalidades culturais, ecológicas e econômicas que as acompanham.⁵⁷

No caso aqui abordado não se trata de uma comunidade tradicional, muito menos autóctone, nem de um movimento social propriamente dito. Talvez a ideia de tribo, tal como elaborada por Maffesoli,⁵⁸ seja a que mais se encaixe para o grupo. A noção de territorialidade advinda da experiência que aquele grupo de montanhistas da primeira metade do século passado desenvolveu sobre aquelas montanhas – e não, da mesma forma e intensidade, com as tantas montanhas das outras serras vizinhas que formam a Serra do Mar – é o que permite afirmar o marumbinismo foi um tempo que se cristalizou no espaço e fez desse espaço um lugar.

Ao transformarem um espaço natural em lugar, os marumbinistas, por meio das diversas práticas socioculturais inerentes ao grupo – códigos que traduzem as formas que eles desenvolveram para lidar com tal íngreme e difícil terreno – territorializaram as montanhas do Marumbi. A natureza selvagem passava a ficar sob controle dos seus usuários, ou seja, dos mon-

⁵⁵ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013, p. 219.

⁵⁶ DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 181.

⁵⁷ ESCOBAR, op. cit., p. 135.

⁵⁸ MAFFESOLI, op. cit.

tanhistas. Mas o território que resultou das práticas marumbinistas nunca impôs marcas muito significativas. Quem vê de fora não imagina o número de caminhos, vias de escaladas e histórias que aquelas montanhas encerram. Sempre foi necessário ser um “iniciado” para se conhecer a sua lógica interna.

No que toca ao grupo de pesquisa que deu margem a este artigo, ou seja, a reflexão sobre as delimitações espaciais sobre a pesquisa em história ambiental, vale reiterar que “o desafio para a história ambiental se torna selecionar categorias multi-escalares às quais recorrer”, como sugere Wakild, que complementa afirmando: “abraçar plenamente os desafios de escala oferece aos historiadores ambientais a habilidade de se deslocar do microscópio ao telescópio, e, talvez de forma mais reveladora, ao caleidoscópio”.⁵⁹ Imprescindível será sempre a confrontação com o desafio teórico e metodológico de se buscar analisar de forma integradora a complexidade que envolve as interações entre o mundo biofísico e o simbólico. As formas como escolhemos “aterrar” nossas pesquisas, ou “geo-grafá-las”, dizem muito da maneira como e se aceitamos ou não o desafio.

Artigo recebido para publicação em 19/10/2015

Artigo aprovado para publicação em 15/11/2015

⁵⁹ WAKILD, op. cit., p. 29.